



## Histórias e memórias da floresta: entrevista com Davi Kopenawa Yanomami

Pablo de Castro Albernaz

*Práticas da História*, n.º 19 (2024): 319-344

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

# Histórias e memórias da floresta: entrevista com Davi Kopenawa Yanomami

por Pablo de Castro Albernaz\*

## Introdução

Davi Kopenawa é xamã e porta-voz dos Yanomami, maior população indígena de recente contato e habitante de um território de mais de nove milhões de hectares situado nos estados do Amazonas e Roraima, Brasil. Presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Kopenawa é conhecido internacionalmente como uma das vozes mais importantes na defesa da Amazônia, sendo autor dos livros *A queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami*<sup>1</sup> e, mais recentemente, de *O Espírito da Floresta*<sup>2</sup>, nos quais relata, a partir da perspectiva da cosmologia yanomami, a sua história de vida e a sua luta contra o garimpo ilegal e em defesa do seu território e do seu povo.

Em 30 de janeiro de 2023, o recém-empossado presidente Luiz Inácio Lula da Silva publicou o Decreto Nº 11.405, determinando medidas federais para o enfrentamento da emergência em saúde pública e para o combate ao garimpo ilegal. Este decreto visa responder à grave situação de crise sanitária na qual se encontravam os Yanomami após

\* Pablo de Castro Albernaz (pablo.albernaz@ufr.br).  <https://orcid.org/0000-0003-3510-4048>. Universidade Federal de Roraima, Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Bairro Aeroporto Cep: 69310-000 Boa Vista / RR, Brasil.

1 Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

2 Bruce Albert e Davi Kopenawa, *O Espírito da Floresta* (São Paulo: Companhia das Letras, 2023).

quatro anos de gestão federal do ex-presidente Jair Bolsonaro, que é investigado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e denunciado no Tribunal Penal Internacional de Haia pela suposta prática de genocídio contra os Yanomami.

Em março de 2024, o presidente Lula assinou Medida Provisória que liberou um crédito extraordinário de 1 bilhão de reais para ações vinculadas ao plano de trabalho urgente e estruturante na Terra Indígena Yanomami, voltado à assistência ao povo Yanomami e à desintrusão garimpeira. Essas ações visam manter a presença dos órgãos federais na região, combater o garimpo e a mineração ilegal, distribuir cestas de alimentos e ferramentas, além de realizar ações estruturantes voltadas à segurança alimentar, à proteção social, ao monitoramento ambiental e à educação escolar indígena.

Esta entrevista foi realizada em uma noite de março de 2024, ocasião na qual recebi Davi em minha casa em Boa Vista, Roraima, semanas depois de sua participação no desfile de carnaval da Escola de Samba Sagueiro que teve como tema o povo Yanomami. A entrevista tem como objetivo possibilitar que mais pessoas conheçam a trajetória de vida e a luta política de Kopenawa. Nela, Davi aborda a história da sua infância e sua perspectiva sobre a chegada dos brancos em seu território, sua tomada de consciência de quem são os invasores e as consequências do contato com a sociedade não indígena. Destaca também, a importância da memória para os Yanomami, o seu papel de tradutor cultural e detentor dos saberes xamânicos, além de falar sobre os desafios atuais e sobre a sua atuação como representante do seu povo.

## **Entrevista**

**Pablo Albernaz:** Gostaria de começar perguntando sobre tua trajetória, que você falasse um pouco da sua infância na floresta, antes da chegada dos brancos. Já ouvi você contar essa história para uma liderança Mbyá-Guarani, quando estivemos no Rio Grande do Sul, em 2012.

**Davi Kopenawa:** Bem, *xorri*<sup>3</sup>, essa é uma história muito longa<sup>4</sup>. Acho que já se passaram mais de setenta anos. Foi assim, a minha comunidade se chamava Maracanã. Isso na língua portuguesa, na língua dos brancos. Em Yanomami a comunidade se chama Caxibi. Caxibi era um *xapono* [casa] grande. Essa era a minha segunda comunidade. A primeira, a segunda, a terceira comunidade eu não lembro, eu não conheci.

A minha família, meus parentes, tia, tio, irmão, cunhado, eles moravam nas montanhas, na cabeceira do rio Totootobi, na cabeceira do rio Orinoco, próximo a comunidade Homoxi e Xitei. Assim, as minhas famílias moravam em vários lugares e eu cresci andando. O meu povo Yanomami é nômade, não é assim como branco que fica morando muitos anos, muito tempo, no mesmo local. O meu povo é nômade, ele pode ficar num local por três ou quatro anos e quando acaba a comida, quando o terreno fica fraco para plantar, eles mudam. Então eles mudaram, iam mudando, descendo o rio Totootobi e eu vinha crescendo. Então, eu não conheci onde eu nasci. Eu nunca vi onde eu nasci, a minha casa. As crianças Yanomami não sabem, só lembram de onde moram quando já têm uns quatro anos.

Aconteceu assim: os brancos, os que se chamam brancos... Eu não gosto de chamar assim, “branco”. Eu aprendi essa palavra com outras lideranças, outros povos que chamam de “homem branco”. Os homens brancos, eles mesmos que falaram assim com meus parentes, com a minha família, quando chegaram. Eles disseram: “Olá, somos brancos, podemos entrar? Cheguei, sou amigo, sou homem branco”. E assim os Yanomami pegaram essa palavra. Os Macuxi, os Wapichana pegaram esse nome primeiro. Nós mesmo chamamos de *napë*<sup>5</sup> os brancos que vem andando como refugiados. Eles são estrangeiros, são refugiados. E nesse tempo ninguém conhecia nem a Funai, nem missionários. E esse grupo que veio, eles estavam fazendo uma reunião, fizeram um plano

3 Termo que em Yanomami significa cunhado ou, de forma mais geral, “amigo”.

4 Um extenso relato sobre a infância de Davi Kopenawa pode ser lido em *A queda do céu*.

5 O termo *napë* tem por conotação original a relação com o “inimigo”, passando, com o tempo, a servir de referência para os “brancos”, termo estendido também às pessoas de qualquer cor. Ver - Kopenawa e Albert, *A queda do céu*.

de viagem, para subir o rio Negro. Outro grupo entrou no rio Solimões. Esse grupo que chegou lá na minha casa era o grupo que tinha ido para o rio Negro. Chegaram em Manaus, continuaram subindo num barco grande, daqueles que os *napẽ* usam pelo rio. Então, foram subindo até chegar no município de Barcelos. O município de Barcelos fica lá em cima, próximo, na boca do rio Demini<sup>6</sup>. Chegaram lá e ficaram cinco, dez dias preparando para fazer rancho para então poder levar na viagem. Então, eles começaram a subir o rio.

A primeira comunidade em que eles chegaram foi a comunidade que se chama Ajuricaba, que fica no limite da Terra Yanomami. Passaram, continuaram subindo o rio Demini, até chegarem na boca do rio Totootobi. Outro grupo de sessenta pessoas foi para o rio Demini. Outro grupo de sessenta homens foi para a direção da nossa comunidade. Eles eram da Comissão de Limites, queriam demarcar as fronteiras. Eles chegaram, não avisaram ninguém. Nesse tempo, o pessoal do governo não reconhecia ainda a nossa existência, eles tinham medo do meu povo. Falavam que meu povo era muito perigoso, muito bravo. E ficavam assim colocando culpas na gente. Então eles subiram, levaram uma semana puxando canoa, porque o rio é pequeno. Uns deles com um pau, outro usando machado, outro motosserra, para cortar as árvores atravessadas no rio.

E tinha outros parentes Yanomami que moravam na Ajuricaba, que falavam a língua portuguesa, mas ele não foram nos avisar que os *napẽ* estavam vindo. Eles chegaram, os caçadores os encontraram subindo o rio, gritando, com motores funcionando. Até que chegaram na nossa comunidade, Caxibi. Ninguém sabia, ninguém estava esperando nada. Ninguém esperou, ninguém sabia que os homens brancos vinham chegando. Eles nos pegaram de surpresa. Eles nos pegaram de surpresa. Alguns correram com medo e os guerreiros pegaram as flechas para defender a nossa comunidade, para nos defender, nossas mulheres e filhos que estavam se escondendo no mato.

6 Demini é a região da aldeia atual de Davi, chamada Watoriki.

Então, nossos guerreiros disseram que esses homens que chegaram sem avisar nada, pareciam bichos. O homem branco não reconhece, mas ele não possui respeito. Eles não param para falar com as lideranças tradicionais. Então, nessa época eu era pequeno. Do tamanho da sua filha. Eu tinha mais ou menos três, quatro anos. Meus familiares correram todos. E minha mãe era uma guerreira, ela não queria que eu corresse para o mato para eu não me perder. Ela me segurou, não me deixou correr e procurou um lugar para me esconder. Havia um buraco ao lado de um pouco de lenha amontoado. Então ela me pediu, “meu filho, fica aqui, não chora nem corre”. Então, ela colocou um cesto em cima de mim. “Porque os homens brancos comem criança. Se você chorar, eles vão te pegar, vão te matar e eles vão te comer assado.” “Será que eles vão comer assado? Será que eles são bichos?”, eu me perguntei.

Então eu fiquei quieto, cansado, passei acho que uma hora escondido e o homem branco falando com a liderança, pedindo apoio para carregar mercadoria nas costas e subir as montanhas, para deixá-los no alto das montanhas, onde eles estavam querendo chegar. Então assim aconteceu comigo. E eu não queria olhar, para mim eles eram altos, todos vestidos, com sapatos pesados, pareciam sapatos de bichos, barbudos, eu pensava que eles eram como macacos. “Realmente eles são macacos, esses homens brancos que vêm de muito longe”, pensava. E meu *pata* [chefe]<sup>7</sup>, grande pajé, ele tinha sonhado. Ele falou, depois que eu perguntei, depois que eles foram embora: “*Pata*, aqueles homens, de onde eles vieram?” “Eles vieram de muito longe, eles vieram andando, eles são refugiados, eles passaram aqui para fazer fronteira do Brasil com a Venezuela. De lá eles vão sair em direção do Surucucu ou em direção a São Gabriel da Cachoeira, para encontrar outros grupos, dentro da floresta.” Então, é assim que eu posso contar. Essa é uma história muito longa que aconteceu.

E depois, demorou muito após esse grupo ir embora e outros vieram. Vieram os missionários. Se chamavam Missão Novas Tribos do

7 “A expressão *pata thē pē* designa os líderes de facção ou de grupos locais (os ‘grandes homens’) ou, de modo geral, os ‘anciãos’”, Kopenawa e Albert, *A queda do céu*, 610.

Brasil. Esses missionários que vêm até à gente era o governo brasileiro que autorizava. Eles autorizaram os missionários a chegarem até às nossas comunidades. O povo Yanomami não convidou eles. Foi o governo ruim quem autorizou e foi assim que eles chegaram. Eles se aproximaram, falaram que são amigos, que não tinha problema, que branco não era bicho, que branco gosta de índio. Falaram com as autoridades, mas comigo eles não falaram isso. Foram os chefes antigos, os *pata*, que contaram para mim essa história. E branco, quando não tem nada, não tem casa, eles são amigos, ficam agradando, vão dando resto de comida para Yanomami não ficarem bravos. É assim que eles começam a nos tratar. Os missionários, a mesma coisa. Eles eram também do governo, do governo militar. Eles vinham fazendo isso [o governo militar] para nós não ficarmos bravos com eles.

Depois eles foram embora para a montanha, e aí nós ficávamos conversando, pensando, porque que eles estavam ali, o que eles tinham vindo fazer? “Será que esses homens brancos não respeitam a casa dos outros? Ficam entrando como bicho, como animal.” Então ele, o chefe e pajé, falava: “Davi, eles não querem saber de pedir desculpa, eles não querem bater na porta da nossa casa. Eles falam que são donos do Brasil, que a terra é deles.”

Assim que meu mais velho me explicou. Eu respondia: “Eu acho que esses homens-macacos são bichos. Eles entram de qualquer jeito para botar medo na gente, eles são homens barbudos, peludos como macacos, eles não são gente como nós Yanomami, não. Nós não temos barba.” “Davi, eles são outros, eles são outro povo”, dizia meu *pata*. “Eles são outro povo de muito longe e aqui nós somos o povo Yanomami, que Omama<sup>8</sup> deixou aqui nesse lugar.” “E aí o que vai acontecer?” “Vamos esperar, eu estou sonhando, acho que vai acontecer doenças *xawara*<sup>9</sup>, ela vem atrás deles. Os homens passaram por aqui e depois veio a doença,

8 Demiurgo yanomami, criador do mundo.

9 O termo *xawara* é usado pelos Yanomami para designar doenças contagiosas propagadas através de fumaça, o que se fundamenta na expressão *xawara wakizi*, “fumaça da epidemia” e que, aos olhos do xamã, são entidades maléficas canibais que, à semelhança dos brancos, “cozinham e devoram suas vítimas”, Kopenawa e Albert, *A queda do céu*, 613-627.

gripe.” Eu pensei: Será que vai trazer doença?” Ele disse “vai sim, muito cuidado, essa doença aqui não tem”. São os homens brancos que vêm trazendo a doença, gripe, sarampo e outras doenças quando eles mexem com nossas mulheres. Eu pensava, “porque eles não andam com as mulheres deles, para não mexerem com a nossa mãe, com as nossas irmãs?” “Pois é Davi, eles não pensam nisso, não, eles têm um pensamento diferente. Eles não querem respeitar, qualquer coisa eles querem, eles vão pegar, eles vão agarrar nossas índias, eles vão fazer coisas ruins com elas.”

Então, passou um mês e as pessoas começaram a adoecer, todo mundo começou a ficar tossindo, espirrando. Todos ficaram deitados em suas redes, com muita febre, tossindo todo tempo. E foi assim que esse grupo passou e foi estragar a nossa saúde.

**Pablo Albernaz:** Logo nos primeiros contatos já vieram as doenças...

**Davi Kopenawa:** Não são os primeiros contatos. Nós não somos povos de recente contato. Eles brancos que são primeiros recentes invasores. Eles não fizeram os primeiros contatos conosco. Eles foram os primeiros recentes invasores das nossas comunidades, das comunidades Maturacá, Aracá, Totootobi, Surucucu, Ericó e outras comunidades de moradores dos nossos rios.

Assim que eu fui orientado com meu *pata xapiri*. Então o grande pajé me cuidou: “Davi, você não vai morrer, não. Você vai contar a nossa história. Você vai contar as nossas histórias yanomami quando eu morrer, porque não tem vacina, não tem remédio e como não estamos vacinados, protegidos, a doença do homem branco vai nos matar. Mas você vai ficar, você vai contar sobre nós, contar a nossa história. Esses homens que vieram para fazer a fronteira do Brasil, nossa terra não precisa fazer fronteira, mas eles precisam. Eles querem ser donos de tudo, mas eles não são donos de tudo, não.”

Foi isso o que o meu *pata* me orientou. Assim que eles me orientaram para eu ficar sabendo lutar.

**Pablo Albernaz:** São histórias longas, como você disse. Elas estão contadas em detalhes no seu livro. Ensinaamentos importantes que você recebeu dos seus mais velhos. Imagino que isso te ajudou a ter consciência do contato com os brancos. Sei que essa é uma história longa também, mas você poderia falar um pouco sobre o seu começo na luta pela defesa do povo Yanomami?

**Davi Kopenawa:** Eu já estou há muito tempo na luta. Desde meus 10, 12 anos, eu já comecei a lutar por causa do meu povo. Porque esses povos que chegaram na minha comunidade, mataram meus parentes. E isso me deixou com raiva. Então, desde pequeno eu fui ficando revoltado com os *napẽ* que vieram para fazer contato como recentes invasores. Então, a história é muito longa, mas eu posso contar um pouquinho.

Quando era jovem, eu fiquei doente, então um funcionário da Funai<sup>10</sup> me levou para o hospital para eu ficar bom. Eu fiquei lá quase doze meses, quase um ano. Foi ali que eu comecei a aprender a falar português, mas um pouquinho, muito pouco. Eu estava lá e eu escutava muito a notícia muito ruim de que homem branco estava matando meu povo, meu povo irmão Waimiri-atroari<sup>11</sup>. Foi lá que eles começaram a matar para poder passar a estrada, perto das comunidades, e os Waimiri-atroari não queriam que a estrada passasse lá. Eles pediram para fazer estrada em outro lugar, longe da comunidade.

Então, o governo antigo não respeitou. Naquele tempo que me falaram que o governo era uma ditadura militar. Governo da ditadura não gosta dos povos indígenas. Os Waimiri não queriam deixar construir a estrada, então eles os mataram. Eu fiquei pensando e a Funai me falando, “olha, você Yanomami do Totootobi, o que você está escutando, você está pensando que homem branco é bom? Homem branco não é bom, não. Aonde homem branco quer passar, ele vai passar de qualquer jeito, com máquina, ou trator, por isso que estão matando os teus parentes Waimiri-atroari”.

10 Fundação Nacional dos Povos Indígenas, órgão ligado ao Governo Federal Brasileiro.

11 “As estimativas demográficas do Povo Waimiri-Atroari entre as décadas de 1960 e 1970 indicam que mais de 2000 pessoas morreram durante a construção da BR-174, a maioria assassinada”, Brasília: Comissão Nacional da Verdade, 2014, 75.

Eu fui perguntando: “Por que que você é Funai? Você é Funai para proteger o povo indígena originário! Por que vocês não os mandam embora?” Aí a Funai falava para mim: “Para nós, homens brancos, tudo é o dinheiro. Eles são muito fortes, porque têm o dinheiro.” “Eles são fortes, então por que vocês não têm força com eles?” “Não, nós somos fracos, não temos dinheiro, apenas muito pouco. E na sociedade não indígena tudo só se resolve com dinheiro. Sem dinheiro não se resolve. Eles vão avançando até matar a floresta, matar as caças, matando os indígenas.

Então você fica pensando, quando você ficar mais velho, com 15, 20 anos, você tem que pensar, esse homem que está passando na sua casa, será que ele vai passar? Ele vai passar sim, porque eles vão usando motosserra para fazer caminho, usam máquinas pesadas para arrancar troncos de árvores. Essa ditadura militar, ela vai passar primeiro, chegar primeiro em Boa Vista, de lá eles vão passar na sua terra.” “Será que vão?” “Vão sim. Eles querem fazer estradas, caminho para que outros venham colonizando, ocupando espaço. É assim que o mundo do branco funciona, Davi.”

Foi aí que eu fiquei pensando, com medo. Eu estava perdendo muitos amigos, parentes e pensava “acho que eu não quero ficar amigo do homem branco, não. O meu pensamento é diferente. Se eu completar quinze, dezesseis anos, eu vou começar a lutar. Agora eu estou entendendo mais ou menos a língua portuguesa. Eu falo mal, do meu jeito, mas eu vou treinar, falar português, falar com os invasores, acompanhar a Funai. Funai também é governo. Funai é governo, mas eles são muito fracos. E esses destruidores são muito fortes, porque eles têm muito dinheiro. Eles têm muitas armas pesadas, também”. E foi assim que eu passei a acompanhar a Funai.

“Davi você vai nos acompanhando, para olhar o que nós, servidores da Funai, estamos fazendo. Nós estamos proibindo a entrada de caçadores, pescadores, seringueiros, para não entrarem na sua terra. Então você vai aprender, você vai aprendendo, vai se acostumando. Aí, quando você estiver falando mais ou menos português, a Funai vai te contratar e você vai ser nosso intérprete. Porque nós, *napë*, não sabemos falar a sua língua, então você vai ser intérprete da Funai.”

Então, foi assim que eles me explicaram e me perguntaram se eu queria ser funcionário da Funai, intérprete da Funai. E eu ficava pensando, eu não vou ficar dentro da Funai, eu vou ver o que a Funai faz, eu vou olhar o que o governo, o que o grupo do governo faz. Será que eles são bons e a Funai ruim? Todo *napë* que está aqui, se aproximando, eles vão respeitar?

“Então eu vou começar a lutar.” “Então você vai lutar”. Eu tinha orientação com outro meu amigo. “Davi, eu sou branco, mas eu estou tentando dar orientação para você, para pensar, e você vai defender o seu povo. Você vai defender seu povo, quando for grande. Você já está em idade grande, você vai começar a olhar primeiro o erro do governo, o erro dos *napë*, que estão invadindo as suas *malocas*<sup>12</sup>. Então, você vai ser guerreiro. Você vai ser o guerreiro do teu povo. Não será nós, será você, nós podemos ajudar.” E foi assim que eu fui contratado pela Funai.

E do Totootobi para cá, Boa Vista, eu não conhecia. Eu não conhecia Roraima. Não conhecia nada. Só ficava escutando, Boa Vista, porque missionário americano passava aqui. Eu também não conhecia o povo Macuxi, Wapichana, Ingaricó, e outros povos que moram no lavrado. Eu não os conhecia, não. Mas eles tinham também briga contra fazendeiros. Aí que eu fiquei acreditando. Eu já vi lá em Manaus matando meus parentes, e agora vejo que aqui os fazendeiros que estão matando outros parentes.

Meu amigo da Funai disse: “Davi, homem branco ele não tem pena de ninguém.” Porque eles não são parentes nossos. Eles estão interessados em ficar aqui no nosso lugar. “O branco mata os índios, e mata também a floresta. Eles são assim. Eles são fazendeiros. Fazendeiros são muito perigosos, eles andam todos armados.”

Então, eu fui conversando com os parentes indígenas e comecei a participar: “Você pode participar das nossas reuniões. Estamos sempre fazendo reunião com Macuxi, Wapichana, junto com os padres que mo-

<sup>12</sup> *Maloca* é um termo comumente usada para as casas comunitárias indígenas. Em Yanomami, o termo correto é *xapono*.

ram lá no Surumú<sup>13</sup>. Outro padre que mora lá na comunidade do Maturuca<sup>14</sup>. Então, nós estamos fazendo todo tempo, a cada mês, fazemos reunião sobre e contra o garimpo, sobre e contra o fazendeiro. Porque eles querem tomar todas as nossas terras. Tomar todas as nossas terras para criar boi, criar frango, plantar arroz, plantar soja, essa é a obra dos governos.”

Aí que os *tuxauas* me orientaram: “Olha, Davi, aqui você está vendo. Aprende. Estão aqui os fazendeiros, aqui estão os garimpeiros, os madeireiros, os invasores e aqui está a sua casa. Eles estão chegando na sua casa e vão ficar mentindo e enganando. Eles são muito mentirosos, eles são enganadores. Eles enganam, eles vão oferecer um prato de farinha, arroz, eles vão oferecer café, para ele enganar vocês. É assim que o mundo branco funciona”.

Então se cuida, luta. Você luta, você aprende conosco, aqui, na terra dos Macuxi. Daqui os fazendeiros e garimpeiros irão para a sua terra. Daqui a uns anos, eles irão aparecer por lá. Então, Davi, você tem que se preparar, ficar firme, não acredite em político. Esses políticos *napẽ* que estão aqui em Boa Vista, eles não querem respeitar as nossas terras, não. Eles querem tomar todas as nossas terras indígenas, as terras do povo da floresta.”

**Pablo Albernaz:** Depois você continua essa luta na Terra Yanomami...

**Davi Kopenawa:** Foi aí que eu comecei a lutar aqui, junto com os Macuxi. Aí, depois, eu saí da região dos Macuxi e Wapichana: “Olha, parentes, agora eu vou voltar para casa. Eu vou defender meu povo Yanomami. Porque os garimpeiros estão chegando lá. Garimpeiro é como bicho, garimpeiro é como doença que entra de qualquer jeito. Agora, então, vocês vão junto com a gente, vocês são nossos vizinhos,

13 O rio Surumu se estende ao norte do estado de Roraima, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS).

14 Maturuca é uma aldeia do povo Macuxi, situada na região de campos e serras de Roraima, que se tornou um marco local na luta pela retomada das terras dos povos indígenas e da demarcação e posterior homologação da TIRRS.

os Yanomami são vizinhos dos Macuxi, então vocês podem nos ajudar. Vocês podem nos ajudar enquanto nosso grupo está pequeno. Grupos grandes, de 20, 30 homens, são muito perigosos, nós somos poucos.”

Então, eles chegaram lá na *maloca* Papiú. Os garimpeiros saíram daqui de Boa Vista de canoa e subiram, deixaram canoa lá e depois andaram a pé para poder chegar lá na *maloca* Papiú. Lá se chama Serra de Couto de Magalhães, ali é centro da Terra Yanomami. Garimpeiro chegou lá e a comunidade lutou, defendeu, disse que não podia cavar buraco. E as lideranças, guerreiros, tomaram as espingardas e os garimpeiros ficaram com raiva e deram tiros. Os garimpeiros mataram quatro parentes meus.

Então, eu me reforcei. Eu não fiquei com medo, não! Por que eu não fiquei com medo? Porque é um direito meu. Quem está errado são os garimpeiros que estão matando meus parentes. Então, eu me acostumei a falar com a Funai. Naquele tempo, o presidente da Funai era o Romero Jucá, não, era um general, depois ele saiu e entrou Romero Jucá. Então, ele ficou muito ruim comigo. Eu fiquei muito preocupado. Porque foram 40 mil garimpeiros que entraram nessa região. Nas *malocas* Papiú, Caianaú, Haximu, Homoxi, Araxiú e depois Haximu<sup>15</sup>.

E eu me acostumei, comecei a reclamar, falar com a Funai: “A Funai tem a responsabilidade de falar com a polícia federal, para ela ir atrás do garimpo e mandar embora os garimpeiros para as suas casas. Casa do garimpeiro não é aqui, não. Casa do garimpeiro é lá na cidade.” “Bom, Davi, você está reclamando, mas garimpeiro não vai escutar, não. Ele só escuta dinheiro, ouro, tendo ouro garimpeiro não vai sair daqui, não. Você pode matar, ele pode matar vocês. Onde tem garimpo, muita gente vem. Onde não tem garimpo, onde não tem ouro, garimpeiros não vão, não. Onde tem ouro, os garimpeiros estão.”

Foi assim que eu fiquei lutando. Pedi para o presidente da Funai, Romero Jucá, naquele tempo, e também fui falar com o Congresso

15 Nessa comunidade ocorreu um trágico evento da história recente dos Yanomami, chamado “Massacre de Haximu”, no qual pistoleiros ao serviço de donos de garimpo realizaram um verdadeiro massacre que acabou com a morte de 16 yanomami, em sua maioria idosos, crianças e mulheres. Para mais detalhes, ver Kopenawa e Albert, *A queda do céu*, 571.

Nacional, junto com Ailton Krenak, junto com o tio (Cacique) Raoni (Metuktire), falar com o Ministério Público, mas não resolveu tão fácil, não. É difícil, fiquei quatro anos lutando. Quatro anos o José Sarney<sup>16</sup> ficou na presidência, então os garimpeiros mataram minha família, milhares de yanomami foram mortos no garimpo. Eu perdi metade do meu povo.

Eu fiquei, continuei lutando, continuei reclamando, mas eu não conseguia. Aí, depois eu consegui um outro grupo que começou a ajudar para retirar garimpeiro, mas não deu certo. E a ONU, naquele tempo a ONU também... foi assim. O Ailton Krenak, o Marcos Terena e o Jorge Terena fizeram uma carta sobre mim, contando que eu estava lutando sozinho e então a carta foi para a ONU.

Eu não pedi para Ailton, Marcos Terena e Jorge Terena fazerem essa carta para a ONU, não, mas eles quiseram escrever e mandar carta para a ONU, para dizer que o Davi estava sozinho e que a ONU poderia ajudar. A ONU naquele tempo era forte, agora a ONU está fraca. Naquele tempo, a ONU era muito forte e lá que eu consegui apoio, com a força da secretária do Meio Ambiente dos EUA.

**Pablo Albernaz:** Então pressionaram o governo, até que o Fernando Collor...

**Davi Kopenawa:** Eu fui primeiro, antes do Collor chegar lá. O presidente José Sarney me enganou. Ele falou mentiras, disse: “Olha, Davi, não tem dinheiro para poder tirar garimpeiro, pagar horas de voo e as comidas para os policiais comerem. Então, não tem dinheiro.” Ele falou para mim: “Davi, eu vou pedir dinheiro para os EUA, não para a Europa.” Eu não conhecia a Europa naquele tempo. “Eu vou pedir dinheiro para fora. Aqui no Brasil não tem dinheiro para poder tirar garimpeiro. Para tirar garimpeiro também custa caro. Para pagar a Polícia Federal, pagar transporte. Então, tem que pedir dinheiro para fora.”

<sup>16</sup> Para uma explicação pormenorizada sobre a história da demarcação e homologação da Terra Indígena Yanomami, ver Kopenawa e Albert, *A queda do céu*.

Eu acho que cinco milhões de dólares, ele queria pedir. Será que esse dinheiro é muito? Sim, é muito, para poder pagar transporte, para a Polícia Federal, para pagar hora de voo, para hotel, para eles dormirem, comerem, fazerem as compras deles. Então, precisa de dinheiro. Quer tirar todos os garimpeiros da sua terra? Isso custa caro. “Eu, governo [brasileiro], vou pedir para o governo americano”. Aí, eu peguei essa palavra e eu viajei, eu saí do meu país para falar com a grande ONU.

Quando falei na ONU, tinha muita gente na minha frente. Muita gente sentada lá, todo mundo pegou o fone no ouvido, quem falava inglês, francês, japonês e outras línguas diferentes. E foram traduzindo tudo: “Olha, Claudia [Andujar]<sup>17</sup>, fala para eles que eles podem escutar a minha fala, eu não estou mentindo aqui. Esse povo, ONU, pode acreditar no que eu contar sobre a situação do meu povo Yanomami, que ele está doente, com os garimpeiros os matando. Então, tem que tirar os 40 mil garimpeiros que estão lá e o governo José Sarney fala que não tem dinheiro para poder tirar garimpeiro da terra Yanomami. Para tirar garimpeiro e para decretar a homologação da terra Yanomami. Eu quero também tirar as 19 ilhas que eles inventaram para dividir o território. Eu quero a terra contínua. Eu quero a terra Yanomami contínua, uma só. E eu não quero um pedacinho pequenininho para mim, não. Eu quero a terra grande, contínua, para meu povo Yanomami viver.”

Ai a ONU escutou, secretário do Meio Ambiente também escutou, falou para mim: “Olha, Davi, você não precisa ficar preocupado. Nós vamos resolver, o presidente José Sarney que falou para ti que não tem dinheiro, mas nós demos muito dinheiro ao Brasil, ele está mentindo. Ele mentiu para você e nós, americanos, nós, estrangeiros, não vamos dar o dinheiro que ele pediu. Nós já demos o dinheiro ao Brasil. Nós, americanos, atuamos para ele cuidar de vocês. Para ele cuidar dos povos indígenas. Então, ele pode gastar esse dinheiro. Porque você está aqui, você já está contando o que ele falou sobre o dinheiro.” Então, eu

17 Fotógrafa e ativista que atuou durante décadas em defesa do povo Yanomami e foi importante na campanha internacional para a demarcação e homologação da Terra Indígena Yanomami.

não falei com o presidente Fernando Collor de Melo. Eu cheguei antes na ONU.

**Pablo Albernaz:** Não lembro se foi nessa viagem, que você foi pela primeira vez a um museu.

**Davi Kopenawa:** Isso foi depois. Isso foi quando eu fui ao Museu da França, no museu de Paris. Aquele costume dos brancos, dos *napë*; isso para mim não tem nada para ver, não. Porque para mim não é bom, isso.

**Pablo Albernaz:** Você fala no livro - *A queda do céu* - sobre sua reação e suas impressões ao ver os objetos dos povos indígenas guardados em um museu, já que os Yanomami não deixam nada guardado dos seus antepassados.

**Davi Kopenawa:** Não, o povo Yanomami, originário, ancestral, nos ensinou que não se pode guardar os objetos, não. Ninguém usa a flecha, o arco, e a panela de barro quando o parente morre, a gente destrói tudo. Não pode guardar, assim pendurado. Isso é como uma lei para nós.

**Pablo Albernaz:** Isso é o oposto do pensamento dos *napë*.

**Davi Kopenawa:** Assim que é o pensamento do homem da cidade. Ele é diferente. Eles querem fazer primeiro a casa, fazer uma primeira casa, construir o lugar para colocar os objetos, as pedras, as flechas, de uso dos indígenas, também de uso do não indígena, para colocar tudo num museu.

Quando as pessoas e povos acabam morrendo, eles [brancos] vão tomando suas coisas e vão colocando para enfeitar a casa do museu. E também para as outras novas gerações, os jovens filhos deles, olharem. E outras gentes adultas entram no museu para ficar olhando. E o dono

do museu fica assim reconhecido, como chefão, como bom. Porque ele está cheio de objetos dentro da casa. E as pessoas que nunca viram o nosso uso dos materiais nas comunidades ficam olhando e pensando: “Puxa, como será que eles são? E o que é que eles estão fazendo aqui no museu, só enfeitando a casa enquanto o povo morreu?”

As pessoas vão nas comunidades e ficam tomando as coisas e levando para os museus só para ficar enfeitando essas casas. Então, foi isso que eu vi. E eu não achei bonito.

**Pablo Albernaz:** Isso tem relação com as diferenças das quais você fala bastante no teu livro, entre o saber dos *napë*, que está vinculado ao papel e aos seus objetos, e o saber dos Yanomami que você aprendeu no xamanismo com os *xapiri* e se dá a partir da oralidade. Enquanto os *napë* registram as palavras escritas no papel e guardam os objetos de seus antepassados nos museus, os Yanomami conservam as palavras dos *xapiri* na lembrança.

**Davi Kopenawa:** Nós, Yanomami, não usamos papel. Não precisa. O nosso criador não permitiu usar o papel. A nossa sabedoria é para guardar o histórico só na memória, no pensamento. O nosso papel, como gravadorzinho, fica aqui, guardando, pensando, falando. E nós, pajés Yanomami, somos guardiões da nossa história dos povos ancestrais na cabeça. Não é no papel. É diferente. Napë não, ele destrói a floresta, derruba milhares de árvores só para fazer papel. Fazer papel higiênico, papel de livro, para escrever, para tudo que eles precisam. É por isso que nós não temos jogado tanto lixo na terra.

Nós fazemos objetos que vão ficar velhos e então iremos jogar fora. Eles voltam para a natureza. Nós jogamos a casca de banana, a casca de macaxeira, e outras, para devolver para nossa terra mãe. Branco não, ele tira todos os objetos da floresta e vai fazendo muito lixo. Vai cavando, fazendo buraco, e depois criam doenças. Agora vocês estão sabendo, porque estão aparecendo os carapanãs, as doenças de dengue que estão aparecendo sempre, devido ao desmatamento, à

poluição dos rios, aos buracos com águas paradas, e os mosquitos que moram na parte de baixo da terra vão sair e comer nosso sangue.

**Pablo Albernaz:** Como você diz seguidamente, a memória dos Yanomami está relacionada com a sabedoria da floresta e com os conhecimentos dos xamãs trazidos pelo pó da árvore *yãkoana hi*, que é o que podemos chamar de “biblioteca Yanomami”.

**Davi Kopenawa:** A sabedoria do povo Yanomami é só pensando, usando *yãkoana*. Usando *yãkoana*, pensando e sonhando, e vendo.

**Pablo Albernaz:** Você tem um reconhecimento internacional na sua luta pela defesa dos Yanomami e no Governo Bolsonaro os direitos indígenas sofreram muitos ataques. Muitos Yanomami morreram, o garimpo aumentou muito. Agora temos não apenas o problema do garimpo, mas também o crime organizado, o narco garimpo e as milícias que estão invadindo o território do seu povo. Por outro lado, temos a tentativa atual do Governo Federal de desintrusão da Terra Yanomami. Como você vê os desafios que virão para a retirada dos garimpeiros e dos novos invasores?

**Davi Kopenawa:** São muitos e eu tenho dois pensamentos. O mundo dos brancos e o mundo dos povos indígenas. Povos indígenas que moram na floresta. O meu *pata, xapiri*, sabia que isso iria acontecer. Esse é o pensamento e também visão minha e do povo Yanomami.

Foi em 2020 que vieram os homens maus. Em 2019, o povo da mercadoria escolheu o homem errado. O povo da mercadoria, o povo do Brasil, acreditou nesse homem mau que se chama Yoasi<sup>18</sup>, entre eles mesmo, o homem mau, eles enganaram muita gente. Dizendo que ele

18 Irmão gêmeo do criador Wanadi, personagem enganador, “colérico, invejo e trapalhão, criador da morte e dos males que atingem a humanidade (Kopenawa e Albert, *A queda do céu*, 677), que é associado por Davi ao brancos e as suas características negativas e, no caso em questão, ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

era um homem bom, boa pessoa, com sabedoria, honesto, trabalhador. Ele falou com o povo da mercadoria, “precisamos extrair a nossa riqueza da terra, porque está faltando dinheiro”. E o povo da mercadoria foi enganado. Quem escolheu o homem ruim, errado, foi o povo da mercadoria. Não só o povo de Brasília, não, todo mundo, Boa Vista, Manaus, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e outras cidades que não conhecem e votaram nele enganados. Ele é traidor. Esse homem ruim traiu todo mundo, não apenas os Yanomami, não. Esse homem, que eu chamo de Yoasi, ele foi amigo dos garimpeiros. Ele apoiou, ele entrou junto com ele.

Ele disse: “Olha, garimpeiro, eu sou garimpeiro, meu pai é garimpeiro, eu sou filho de garimpeiro, eu sou capitão, eu sou presidente, responsável pelo meu país. E digo que nós podemos extrair a nossa riqueza.” E assim eles fizeram a cabeça dos garimpeiros. E eles entraram juntos. Então, foi assim que aconteceu. Depois que eles chegaram aqui aconteceu a doença, que se chama coronavírus. Esse *xapiri* já sabia que ia acontecer. O homem ruim ficou lá em cima, virou presidente. Todo mundo achou que ele era homem trabalhador e todo mundo ia trabalhar, desmatar, fazer mineração e outras coisas que o Estado precisa.

Estado diz que precisa de muitas coisas. Estado não é uma pessoa. E isso é culpa do Estado. Estado precisa construir a casa, trazer petróleo, gasolina para iluminar a casa e para melhorar a casa dele, trazer a água gelada. O *freezer* para guardar a comida, para não apodrecer. E a casa tem que ter um ar-condicionado para eles dormirem bem, com frio, congeladinho. O Estado precisa de tudo isso. Eu não vou falar assim: “Governo, isso é culpa do Estado. Do presidente e do Estado. Também do Governo do Estado de Roraima.”

Porque o presidente é uma cabeça, ele que manda em tudo, depois do presidente vem o governo de Roraima, depois vem o governador, depois vem o vereador, depois vem militar, não sei o quê. Então, eles fizeram um jogo contra o meu povo, contra nosso país, contra nossa terra. E contra a nossa terra-planeta. Graças a Omama, com o coronavírus, não morreu nosso povo todo. Nós ficamos doentes, morreram idosos, mas quem matou muito, quem Bolsonaro matou muito, foi o

povo da cidade. Não sei quantas milhares de pessoas do povo da cidade morreram. Esse homem ruim realmente fez um genocídio.

Foram dois lados, primeiro morreram as pessoas na cidade com a Covid. Depois aumentou a entrada dos garimpeiros. Os garimpeiros não tiveram medo da doença. Vocês na cidade ficaram escondidos em suas casas para não pegar doenças. Os garimpeiros não. Eles entraram para o mato. Entraram juntos com as doenças, coronavírus, malária, gripe, armas de fogo, bebida, doenças diferentes, mulheres doentes que entraram também. Todos entraram na minha Terra Yanomami. Chegaram, colocaram balsas, muitas balsas no nosso rio Palimiú. O garimpeiro não entrou sozinho, entrou com tudo, com máquinas, com grupos grandes. Isso o governo Bolsonaro autorizou.

Acho que foram cerca de setenta a cem mil garimpeiros. Quem compra ouro é garimpeiro. Quem é dono da loja também é garimpeiro. O piloto que carrega o ouro no avião também é garimpeiro. Por isso eu falo que o número de invasores da minha terra Yanomami é alto, umas cem mil pessoas. Então, os garimpeiros ficaram perto da casa, ao lado da comunidade, e começaram a falar que são amigos, que garimpeiro é bom, que garimpeiro não é como Funai, que garimpeiro não é como governo. Que governo é bom, deixou eles entrarem para tirar ouro. E que os Yanomami não podem brigar contra eles porque garimpeiro dá comida.

Mas eles ficaram mentindo. E eles deixaram adoecer, deixaram adoecer, não só criancinhas não, mas meninos de 5, 9, 10, 11 anos. E até as jovens mulheres e mulheres de 40, 50 anos, ficaram doentes por causa de água suja de mercúrio. Ficaram tomando água suja. Porque lá não tem nada para limpar a água. Vocês, brancos, têm remédios para tratar a água. Água tem que ficar doente para dizer depois que água está limpa. Lá em cima, no garimpo, ninguém limpa, porque lá não é o lugar deles, eles estão lá sujando para fazer o garimpo.

Então, as doenças estão sendo transmitidas há muitos anos, como a malária. Então, veio a fome e se aproveitou. Doença e fome. Porque Yanomami está morrendo de fome? Porque garimpeiro está perto; ga-

rimpeiro ficou quatro anos destruindo, na beira do *igarapé*, matando peixes, matando caranguejo, matando água. E a comunidade que está perto, fica tomando água, tomando banho, e depois eles adoecem. Foi assim que Bolsonaro fez. Bolsonaro foi muito ruim. Bolsonaro não presta. Então, eles mataram primeiro o povo da cidade, depois mataram a nós.

**Pablo Albernaz:** O que aconteceu com o povo Yanomami no Governo Bolsonaro durante a pandemia pode ser tipificado como um caso de genocídio e isso irá ser julgado pelo Tribunal de Haia. No caso do genocídio implementado pelo nazismo, os Judeus, assim como os Alemães, criaram várias políticas de memória. O estabelecimento de políticas de memória sobre a história e a cultura dos povos indígenas poderia ser considerada uma medida eficaz de não-repetição de novos massacres e violações?

**Davi Kopenawa:** Precisamos continuar a falar, continuar a lutar. Se parar de falar, se parar de lutar, se parar de denunciar, de escrever no jornal, o garimpo ilegal irá continuar. Onde tem muito ouro, o garimpo volta. Fica um mês, dois meses longe, depois ele volta. Então, para não deixar voltar, nós somos muitos para falar e lutar.

Existem muitos povos na cidade, mas eles não querem lutar por nós. Eles não lutam pelos povos indígenas. Temos poucas parcerias. Nós somos muitos também, mas eles do governo podem sair das suas casas para chegar na minha casa e ir aonde os garimpeiros estão garimpando para os expulsar. Nós não podemos fazer isso. Quem pode fazer? Tem muitos militares, muitos policiais no Brasil, eles que tem que resolver. Para quê tem tantos policiais? Então, nós precisamos, o governo nosso, tem que conversar, fazer reunião pedindo para o exército tirar os garimpeiros com coragem, porque os garimpeiros são bravos, e acho que são parceiros de alguns militares. Porque eles ficaram presos, na cadeia, depois saíram da cadeia, pegaram armas pesadas e entraram para o garimpo.

Quem autorizou? O governo. Jair Bolsonaro autorizou: “Você saiu da cadeia, então você vai ficar lá, na Terra Yanomami. Leva munição, leva armas pesadas, que eu vou te proteger.” Eles se combinaram, se protegeram entre eles, por isso esse pessoal que saiu da cadeia, essas facções, foram para lá. Quem permitiu foi o governo Bolsonaro. O governador daqui também deu apoio. Em todos os governos do estado, eles apoiam a mineração.

Assim como na Venezuela. O [governo] Venezuelano também está junto. Por isso eles dão munição, dão armas pesadas. E a nossa polícia tem medo de chegar lá. Fosse eu, *napë*, polícia militar, polícia federal, eu tirava tudo. Assim que eu penso. Mas ninguém está querendo fazer isso, porque o sogro, o irmão, ou o pai deles são garimpeiros. Assim que eu penso. Por isso que nós vamos continuar, o Lula está apenas há um ano, é pouco tempo, mas vocês, parceiros, têm que continuar a lutar junto para tentar tirar todos os garimpeiros da terra Yanomami.

**Pablo Albernaz:** Você lançou recentemente o livro - *O espírito da floresta* -, e o seu livro anterior, - *A queda do céu* - é considerado um marco para o movimento ecológico mundial, influenciando pessoas no mundo todo. Eu lembro que a gente já conversou algumas vezes sobre o tema da queda do céu e você sempre me dizia que isso não vai acontecer agora, que essa ideia da queda do céu é um alerta para o povo *napë*. Você acha que dá tempo ainda para que os governantes e os *napë* aprendam com tuas palavras e possam ainda salvar o planeta?

**Davi Kopenawa:** Olha, sem índio, não vai se salvar não. A nossa Terra planeta, o mundo, está cheio de doenças, de fumaça, de gasolina inflamável, de óleo queimado, de baterias jogadas no chão, de queimadas das florestas, de água suja, então essa sujeira na terra está subindo lá em cima. Então, a doença que saiu da terra vai subir no ar, vai subir lá em cima e a doença volta. A doença ou cai na cidade, ou cai na floresta, ou cai no mar. Quem sabe isso são os Yanomami.

Os Yanomami *xapiri pata* estão controlando para não acontecer nada de ruim, para não acontecer mais mortes de nós indígenas e dos

não-indígenas. É por isso que está muita gente reclamando das mudanças climáticas. Não se resolve nada, pode se gastar dinheiro, porque hoje, em 2024, o povo da cidade está reclamando, dizendo que está muito calor, não está chovendo. Por quê?

Acho que isso está mostrando a força da natureza para nós, para a gente aprender a respeitar a nossa terra mãe, o nosso homem da floresta. Os homens da floresta são os *xapiri*. Falta aos brancos aprenderem a respeitar e a não mexer mais no corpo da floresta. O povo da cidade precisa conhecer o corpo da terra, o corpo da grande alma da floresta. Precisa enxergar, como que é a floresta, como é a cara dela. Ela que cuida de nós, então o povo da cidade precisa aprender a cuidar.

**Pablo Albernaz:** Como já havíamos falado, enquanto para os *napë* a memória está nos museus e nos livros, para os Yanomami ela está na floresta, que é a memória ancestral yanomami.

**Davi Kopenawa:** O povo da mercadoria está bem apaixonado, não para de pensar em dinheiro. Ele não está preocupado com a casa dele, não. Ele está preocupado com dinheiro. É isso que o deixa apaixonado. O povo da cidade, as autoridades da cidade, só escutam a força do dinheiro. É isso que nós não deixamos esquecer. Nós vamos sempre pedir ajuda e proteção de nosso pai Omama. Nosso irmão, a floresta, a alma da floresta, ele pode continuar a ajudar. Isso é a nossa visão do povo Yanomami. Nosso pensamento é de nunca esquecer, de nunca abandonar, de deixar sempre o pensamento na grande alma da nossa Terra planeta.

**Pablo Albernaz:** Essa tua última frase se aproxima do título do teu novo livro, que se chama - *O espírito da floresta* - que a gente poderia chamar de grande alma da floresta.

**Davi Kopenawa:** É com a grande alma da floresta que vocês, *napë* da cidade, precisam sonhar. Se você dorme cedo, você sonha. Se você não

dorme cedo, só fica andando na rua, em festa, bebendo cerveja, você dorme pouco e você não sonha. Se você quer encontrar a alma da nossa floresta amazônica, da nossa terra-mãe, precisa parar, pensar, tomar banho, comer e se deitar na rede. Isso falta para vocês. É preciso dormir fundo, bem pesado, para conhecer a grande alma da nossa terra, a grande alma da nossa floresta, a grande alma da nossa sabedoria. Se você não dormir bem fundo, você nunca vai aprender não, nunca.

Você pode ler o livro, achar bonita a minha fala, achar bonita a minha letra, a história que estou contando do passado, mas você não vai aprender se você pensar que esse não é seu pensamento, que esse é “pensamento do Davi” e que ele é um “homem selvagem”, alguém que “não sabe nada”. O livro - *A queda do céu* - está na ponta desse caminho. Está indo, se espalhando, chegando a outras universidades, esse livro está ajudando muito.

**Pablo Albernaz:** Como foi tua experiência de encontrar o povo negro no Carnaval do Rio de Janeiro, durante o desfile da Escola Salgueiro? Porque o Carnaval é também uma memória histórica dos negros, da cultura popular brasileira, e é a primeira vez que os Yanomami são homenageados e você conheceu o Carnaval pela primeira vez.

**Davi Kopenawa:** O meu pensamento, que eu sempre falo, é dos dois mundos. Mundo do branco e mundo do povo Yanomami. Eu acreditei, eu acredito que deveriam fazer mais histórias recentes, novas, como essa em 2024. Isso foi muito bom, porque o povo da Escola Salgueiro leu o livro - *A queda do céu* -. Se o meu livro não tivesse saído, junto com o Bruce, acho que o povo do Salgueiro nem pensaria em nós. Eles nunca pensariam como os Yanomami moram, como é que eles são. Mas quem abriu o pensamento do povo negro, foi o livro - *A queda do céu* -. Eles leram, viram o meu escrito, o que falei, e acharam muito bonito.

Aí começaram a pensar em mim: “Esse Davi, onde será que ele mora? Será que ele tem casa na cidade? Não, ele tem casa na floresta, ele tem casa na cidade onde fica um pouco, para representar o povo dele” Então, o livro - *A queda do céu* - foi buscar o pensamento para eu conhecer o povo negro. O

povo negro também é sofredor. Eles não têm terra para eles, para plantar, para criar roçado, boi, peixe, para plantar alimento para comer. Eles têm uma casa pequena, não têm lugar para eles fazerem seus trabalhos.

Foi muito bom que eu os conheci. Que eles me conheceram. Em 2023 eu fui procurado por eles em São Paulo e eles me convidaram para conhecer a Escola Salgueiro e o Carnaval. Eu não estava querendo encontrar o Carnaval, não. Aqui tinha Carnaval em Boa Vista, mas lá é onde o povo negro criou o Carnaval para eles terem arma. Arma é samba. Povo negro, a arma dele é Carnaval.

O nosso Carnaval é *Hutukara* [natureza], *xapiri*, Omama, floresta e tudo que existe no universo. Então, foi muito bom essa oportunidade de os encontrar. Eu estava precisando encontrar o grupo negro. Esse grupo de sofredores que vieram da África, que foram trazidos amarrados e os pais deles já morreram. Esse é o caminho histórico, do encontro do homem negro com o povo da floresta, para ficarem amigo.

Eu estou querendo ir para a África, para ficarmos amigos de luta. Vamos juntar as nossas forças, na luta contra o marco temporal, a mineração. Vamos fazer a nossa arma; nossa arma é o encontro do povo negro com o povo da floresta, para a gente ficar junto. Sofrer junto, o povo Yanomami sofre, o povo negro sofre na cidade, então esse que é nosso sonho e aconteceu, de a gente fazer uma aliança, para fazer a união e fazer força, para a nossa defesa do povo negro e do povo *xapiri* [Yanomami]. Esse é o nosso papel, nós nos reconhecemos para sempre, ajudando a divulgar. Quando os garimpeiros nos atacarem, eles vão falar: “Nós somos o povo negro e vamos falar: os Yanomami estão morrendo, estão continuando a garimpar” Quem vai falar isso? Os negros. E nós, o que vamos falar, a *Hutukara*? “Nós conhecemos o povo negro, então deixem eles em ficarem em paz, nós somos amigos, nós somos filhos da terra, somos um coração só.”

**Pablo Albernaz:** O mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos, o “Nêgo Bispo”, dizia que o primeiro Encontro de Saberes no Brasil foi o do encontro entre os povos negros e os povos indígenas.

**Davi Kopenawa:** E nós vamos continuar ajudando, nós temos a sabedoria da Hutukara. Sabedoria de falar a verdade. Sabedoria de cantar o canto do nosso planeta Terra que você escutou. Eu estou vivo ainda porque a nossa terra está viva. Então, tem que ter canto para todos em geral, pode ser negro, branco, azul, nós estamos falando bem, de respeito, ao nosso mundo e ao povo ancestral que nos ensinou a respeitar.

**BIBLIOGRAFIA**

Albert, Bruce, e Davi Kopenawa. *O espírito da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

1º Relatório do Comitê Estadual da Verdade. *O genocídio do povo Waimiri-Atroari*. Manaus: RCEV 2012. Disponível em [https://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a\\_pdf/r\\_cv\\_am\\_waimiri\\_atroari.pdf](https://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a_pdf/r_cv_am_waimiri_atroari.pdf).

Kopenawa, Davi, e Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

**Referência para citação:**

Albernaz, Pablo de Castro, “Histórias e memórias da floresta: entrevista com Davi Kopenawa Yanomami”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 19 (2024): 319-344. <https://doi.org/10.48487/pdh.2024.n19.37201>.